

Escrito por Alexandre

Seg, 07 de Março de 2011 17:16 - Última atualização Ter, 15 de Março de 2011 00:22



A questão que propus debater em novembro de 2010, em Porto Alegre, durante o *Seminário Práticas Artísticas e suas inserções. Políticas de artista: outros gestos e formas de compartilhamento*

, promovido pela revista Panorama Crítico, refere-se a iniciativas de artistas a redes de trocas por eles geradas. Este assunto tem muitas aberturas. Iniciativas e inserções das práticas artísticas podem ser vistas pelo seu caráter propositivo e transformador da realidade social na qual atuam, mas o entendimento da dimensão real da amplitude dos gestos do artista como agente depende de um entendimento de questões de ordem conjunturais e políticas.

Apresentamos a seguir, neste primeiro texto, alguns exemplos de levantamentos realizados por artistas questionando-nos sobre a necessária reinserção destas iniciativas na história da arte

Escrito por Alexandre

Seg, 07 de Março de 2011 17:16 - Última atualização Ter, 15 de Março de 2011 00:22

brasileira. Este afloramento inicial colocou-me diante de uma questão bastante ampla e que pede continuidade. Descortino a necessidade de produzir paralelos entre a conjuntura de surgimento de iniciativas de artistas e coletivos e os modos de funcionamento de nossas instituições e do sistema de arte como um todo. Vemos que algumas iniciativas logram elaborar posturas críticas na própria constituição da linguagem, produzindo um trabalho diferenciado que encontra seu lugar num sistema de legitimação, enquanto outras poéticas desenvolvem estratégias de atuação nos fluxos da vida social. Existem práticas que buscam desenhar outros caminhos.

Convidei Newton Goto, artista a de Curitiba, para apresentar o projeto *Circuitos*

Compartilhados

no qual

propõe a edição de vídeos feitos por artistas e coletivos no Brasil num intervalo de 30 anos - e para discorrer em paralelo sobre a dimensão política de seu gesto de reunião deste material tão heterogêneo. Minha segunda convidada, Claudia Paim, é artista-pesquisadora que realizou seu doutorado

em nosso PPGAV-UFRGS. Ela

vem se dedicando a observar e mapear iniciativas de artistas na América Latina, espaços auto-gestionados, em especial os centradas em redes de amizade. Seu olhar se dirige às práticas que promovem ocupações em espaços intersticiais da realidade cotidiana urbana.

Interessa-se por prospectar como os artistas se organizam na criação de zonas de compartilhamento público pela ocupação. Que outros valores afloram destes encontros e quem é o seu público? Que desdobramentos críticos estas práticas produzem?

Ao observar estas duas iniciativas, ambas resultantes de processos de pesquisa, nos perguntamos sobre as diferenças que se apresentam entre práticas ancoradas num circuito de trocas, que produzem quebras de hierarquias de valores hegemônicos ao privilegiarem a diversidade de pontos de vista e outros agenciamentos mais dirigidos da indústria cultural. Estas estratégias artísticas, ao implicarem outro público, tencionam o campo da arte, pois incluem novas frentes de trabalho para o artista. Como ver esta questão? Que leque de perspectivas críticas se abre ao privilegiarmos questões de ordem mais contextuais que formais? E por último, como saber se efetivamente estas iniciativas contribuem no alargamento do debate do campo artístico e crítico? A potência de energias surgidas em processos informais resiste quando assimilada ao processo de normalização da indústria cultural? O que ocorre quando da entrada destas poéticas num sistema de arte tão versátil, que privilegia o evento, e que vem transformando até o mais imaterial dos gestos em objeto de consumo?

Escrito por Alexandre

Seg, 07 de Março de 2011 17:16 - Última atualização Ter, 15 de Março de 2011 00:22

Detalhando exemplos que constituem o campo problemático de práticas coletivas e de inserção na trama urbana, encontramos o estudo que realizou Cláudia Paim em seu mestrado, quando lançou um olhar sobre a autogestão de artistas em Porto Alegre, face a uma frágil estrutura institucional (Arte Construtora entre outros)

1

.

No doutorado ela se volta para a cena da América Latina contemporânea, igualmente marcada por traumas políticos e econômicos

2

.

O estudo dedica-se ao levantamento de iniciativas de artista envolvendo dinâmicas centradas na amizade. Cláudia nos traz um exemplo, dentre outros, de uma intervenção proposta por um grupo de artistas chilenos, o Hoffmann's House, no Museo de la Solidaridad Salvador Allende, 4 de julho a 3 de agosto de 2003. Convidados para integrar uma exposição no Museu, a estratégia buscada pelos artistas foi ocupar o museu sem perder as singularidades da proposta. Optaram por acoplar uma casa de madeira em uma das aberturas do museu e ali realizar uma grande mostra de videoarte com a projeção de mais de quarenta trabalhos. O título desta mostra, "Con energía más allá de estos muros" – sugere que do lado de fora das paredes de um espaço institucional de visibilidade se produzem energias.

Estes modos de articular a experiência coletiva trazem ao horizonte crítico questões importantes e consequentes. Como estas práticas se estruturam? Que dinâmicas e públicos elas implicam quando se inserem em contextos do cotidiano e institucionais? Que resultados obtêm e de que forma diferem ou se relacionam com as estratégias do sistema de arte vigente? Como as "tecnologias da amizade" propõem avanços para a prática da arte?³

Cláudia se apóia nos argumentos levantados pelo filósofo espanhol Francisco Ortega⁴, que ressalta a importância da amizade como objeto de reflexão filosófica e política, tema pouco contemplado pela filosofia, que se encontra nas reflexões feitas também por Hannah Arendt e Jacques Derrida. Incluindo-se nas correntes de pensamento que reivindicam para a filosofia a descentralização do sujeito e a tarefa de criar

"

uma nova política da imaginação",

Ortega

projeta a amizade e o amor no contexto de uma nova ordem subjetiva, além da metáfora familiar aonde estes temas são tradicionalmente reconhecidos e despolitizados. "Uma tarefa a ser assumida pela filosofia no sentido proposto por Foucault, capaz de produzir "o deslocamento e a transformação das molduras do pensamento, a modificação dos valores estabelecidos e todo o trabalho que se faz para pensar de uma maneira diferente, para fazer

outra coisa, para tornar-se outro do que se é". Diante destes limites problemáticos da questão da amizade haveria que se debruçar sobre cada um destes modos de aglutinação e de organização do sensível e esmiuçá-los.

No projeto *Circuitos Compartilhados*⁵, Goto reúne num acervo portátil com mais de 40 horas de vídeos algumas direções da arte brasileira. Esta coletânea coloca outras bases de análises, do artista como propositor e mediador de circuitos, o que em si só nos permitem reescrever alguns adendos à nossa história da arte. Enquanto alguns conteúdos mostrados exploram as potencialidades da linguagem videográfica outros são registros de

exposições ou de ações urbanas mostrados em outros contextos. A maleta foi a forma simbólica de reunião, de transporte e de compartilhamento de produções heterogêneas antes esparsas. O que diferencia esta iniciativa de outras coletâneas de vídeo é o fato do artista-agente ter feito uma vasta pesquisa de outros grupos de artistas, de manifestações independentes e de tê-las reunido. Artistas consagrados estão lado a lado com agrupamentos coletivos e outras iniciativas de artista. Esta reunião deve ser vista como um gesto político que produz consequências em vários níveis. Primeiramente, ao demonstrar a opção do artista-pesquisador por quebrar a hierarquia vertical do sistema de legitimação, tendo preferido optar por uma política de amostragem horizontal que contemple a diversidade de iniciativas com origens geográficas e temporais distintas. O segundo aspecto refere-se ao reposicionamento destas manifestações na história da arte contemporânea brasileira, trabalho em canteiro, visto que muitas destas manifestações antes não eram nem consideradas pelo modo de funcionamento que engendravam. Ocorrendo em muitos casos em circuitos paralelos ao da arte oficial, hoje estas poéticas podem ser estudadas já que se encontram acessíveis em acervos e em grupos de estudo. O terceiro ponto se refere à democrática distribuição da coletânea para as bibliotecas, acervos públicos e centros de arte do país, que carecem de uma política de aquisição e atualização, dado o minguado orçamento destas instituições e suas outras prioridades. Goto generosamente previu que cada participante ficasse com uma maleta contendo o Circuito todo, fazendo assim a partilha do que ocorre no Brasil

Estes dois mapeamentos nos fizeram refletir sobre uma relativa ausência de parâmetros e critérios acerca de como ocorre a distribuição e a guarda simbólica da arte no Brasil. Ao lado de grandes eventos ocorrem manifestações de artistas. Algumas se inserem e outras se perdem diante de um processo de inflação de sentidos. Em meio à profusão de eventos e de tantas iniciativas importantes há, de fato, o resgate da posição do artista como ser político, como produtor de uma exterioridade que discute o sistema no qual atua. Porém, para além do fato de criar, fruir e gozar, a questão que estas manifestações ali reunidas colocam é de outra ordem. Haveria que ligá-las às conjunturas e aos contextos histórico e econômico onde atuam. Penso que este modo de olhar nos possibilitaria entender as motivações que resultaram em tomadas de posição do artista que passa a assumir um papel de agente social. Indo mais fundo nesta questão poder-se-ia questionar se, como agente, ele exerce efetivamente um papel de

transformador da cena ou se a pacífica.

Como coloca Tristan Tzvetz, haveria que se entender o ecossistema do mundo da arte para ver o destino que é dado às práticas do artista como mediador. Haveria que se estar também atento aos processos de cooptação de artistas pelas grandes instituições, como museus e em eventos como Bienais. Observa-se que, na lógica do espetáculo, o artista passou a ser chamado como mediador da complexidade das relações propostas pelas linguagens contemporâneas, o que evidencia uma perda de sua potência e uma patente canalização de sua energia. Como manter a potência da arte?

1. PAIM, Cláudia, Dissertação de Mestrado. “Espaços de arte, espaços da arte: perguntas e respostas de iniciativas coletivas de artistas em Porto Alegre, anos 90”, 2004. PPGAV-UFRGS. Disponível: http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/titulo/espacos-arte-espacos-da-arte-perguntas-respostas-iniciativas-coletivas-artistas/id/38066660.html
2. PAIM, Cláudia, PPGAV-UFRGS, 2009. Acessível em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/17688>
3. TRÉMEAU, Tristan. “Les écosystèmes du monde de l’art” publié originalement dans Artpress, n° 22 hors-série, sous la direction de Norbert Hillaire et Catherine Millet, novembre 2001, pp. 52-57 IN : <http://tristantremeau.blogspot.com> acessado em 18/01/2011.
4. Francisco Ortega, nascido em 1967 em Madri, Espanha, é doutor em Filosofia pela Universidade de Bielefeld (Alemanha). Publicou *Michel Foucault – Rekonstruktion der Freundschaft* (Munique, Wilhelm Fink Verlag, 1997), *Intensidade: para uma história herética da filosofia* (Goiânia, Editora da UFG, 1988) e *Amizade e Estética da Existência em Foucault* (Rio de Janeiro, Graal, 1999). *Para uma política da amizade* é o resultado de vários cursos que foram ministrados na Universidade de Bielefeld (Alemanha) e também no Brasil, onde atua como professor visitante na Universidade Federal Fluminense e na UNICAMP.
5. Conforme nos relata Goto, este trabalho é fruto de pesquisa iniciada em 2000: “Circuitos Compartilhados” estreou como mostra de vídeo em 2005, em Curitiba, com o nome Circuitos em

Escrito por Alexandre

Seg, 07 de Março de 2011 17:16 - Última atualização Ter, 15 de Março de 2011 00:22

Vídeo. O acervo atual contém registros audiovisuais associados às práticas dos coletivos de artistas, arte de ativismo cultural, ações colaboracionistas em arte, espaços alternativos, intervenções urbanas, performances, etc. Ou seja, diversos tipos de iniciativa onde o artista, além de ser o propositor da obra, é também o mediador do diálogo dela com o público, e ainda, o ativador de novas concepções de circuito artístico. Disponível em: <http://circuitoscompartilhados.org/wp>

Penso que mais do que entrar num processo de naturalização dos gestos (Tudo é arte?) as energias gerenciadas por artistas e seus circuitos teriam que produzir uma ampliação do debate crítico que operasse distinções. Para onde a arte vai? Que implicações produzem iniciativas tão distintas entre si tanto para a sociedade quanto para o campo artístico brasileiro e latino-americano como um todo? Para os artistas contemporâneos, o texto reflexivo passa a ser uma das dimensões de suas práticas artísticas e um lugar político a partir do qual eles circunstanciam o contexto da sua criação e as implicações dela decorrentes.

O grande mérito destes processos de mapeamento aqui apresentados reside na capacidade que os mesmos terão de gerar desdobramentos críticos em pesquisas que abram janelas de entendimento de conteúdos mais problemáticos⁶. Isto traria como consequência uma discussão mais afinada sobre a natureza destas manifestações, sobre as modalidades de financiamento da criação em nosso país, sobre a necessidade de se manter e fomentar acervos museológicos e arquivos documentais, que recolham, documentem e observem as energias da arte. As iniciativas de artista seguidas de sua teorização poderão futuramente subsidiar outro desenho para políticas públicas no Brasil.

Uma vez mais a questão que se coloca é de ordem política. Tomemos como exemplo de análise o acervo do Mac-USP, constituído nos anos 70, que possui testemunhos de ações artísticas de caráter mais efêmero. Este acervo tem hoje uma importância fundamental ao propiciar a entrada no campo de visibilidade de “poéticas em processo”⁷, trazendo à tona enunciações que propuseram uma redistribuição de papéis.

Em Porto Alegre

, o Centro de Documentação e Pesquisa da Fundação Vera Chaves Barcellos recolhe e organiza documentos e informações sobre ações artísticas do Grupo NO e de outros artistas contemporâneos brasileiros e internacionais

8

Escrito por Alexandre

Seg, 07 de Março de 2011 17:16 - Última atualização Ter, 15 de Março de 2011 00:22

José Francisco Alves em um artigo realizado no quadro da disciplina por mim coordenada, *Ações públicas: arte e contexto*, já levantava aspectos relativos a passagem de Julio Plaza por nossa cidade nos anos 70. Passaram por aqui as poéticas de Bruscky assim como os parangolés de Hélio Oiticica entre outras tantas. Talvez estas passagens pudessem ser revistas e melhor analisadas. Vera Chaves

f
oi e segue sendo uma artista-agente muito importante, que reúne as energias da arte. A existência de acervos como o da Fundação nos auxilia a compreender a importância das redes de artista e de suas abrangências. A reescrita desta outra história da arte, como sabemos, dependerá da capacidade de nossos agentes históricos (artistas, professores, pesquisadores) incluírem estes assuntos em sua pauta de negociação. Muitos destes eventos não foram ainda devidamente tratados e não há neutralidade nestas escolhas.

Conforme nos adverte Rancière no livro *A Partilha do sensível* -- reflexão surgida na esteira de seu questionamento sobre teorias e experiências artísticas de fusão da arte com a vida, desde as vanguardas do século XX -- a multiplicação dos discursos e sua generalização demandam um esforço suplementar de todos nós. Um esforço que restabeleça as condições de inteligibilidade de um debate crítico, considerando a natureza de iniciativas de artistas uma prática também no panorama econômico. De que forma o gesto artístico passa a se inserir e alterar nossa compreensão do que pode a arte? Segundo Agambem

,

Gesto

é o nome do cruzamento onde se encontram arte e vida, ato e potência, o geral e o particular, o texto e a execução”.

9

Uma vez mais se trata de observar gestos como atitudes, de ler os fenômenos que surgem como políticas de artista que se abraçam ao mundo em que vivem.

Somente um delicado trabalho de distanciamento crítico nos dará a ocasião de reconhecer a natureza e a complexidade de cada um destes gestos e de sua abrangência. Detalhando, o que por sua efemeridade cairia na indiferença e anestesia social (da qual a arte não está isenta quando tomada como espetáculo), estes gestos de artistas-agentes, a organização de acervos e o levantamento de problemáticas teóricas, recolocariam na mesa de negociação poéticas esparsas que passariam a ser consideradas na distribuição política do imaginário.

POLÍTICAS DE ARTISTA: Outros gestos e formas de compartilhamento. - por Maria Ivone dos Santos

Escrito por Alexandre

Seg, 07 de Março de 2011 17:16 - Última atualização Ter, 15 de Março de 2011 00:22



Circuitos Compartilhados - Organização □ Newton Goto

Entre artistas, coletivos de artistas e ações artísticas coletivas, participam:

Paulo Bruscky / Arquivo Bruscky; Cildo Meireles / Wilson Coutinho; ArtShow / Sensibilizar / Sergio Moura; Nervo Óptico; Anos 80 no Recife; ASSINTÃO / Hélio Leites; Torreão; NBP + EuVocê / Ricardo Basbaum; GPCI – Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos; CEP 20.000; Areal & Arena; Perdidos no Espaço; CEIA – Centro de Experimentação e Informação em Arte; Maurício Dias & Walter Riedweg / Fabiana Werneck / Marco del Fiol / VideoBrasil; Desligare; Comunidade, ativismo e a cena downtown – um documentário independente sobre a cena experimental de Nova York; Arte de Portas Abertas / Chave Mestra; Catadores de histórias; Cia Cachorra; Frente 3 de Fevereiro; Guilherme Vaz; Ideário; Paredes Pinturas: Mônica Nador & Lumila Ferolla; Projeto Matilha; Revelando Olhares dos Moradores da Ilha do Mel; Martha Niklaus; Ricardo E. Machado; Menossão; Alexandre Vogler; Aparelho; A Revolução Não Será Televisada; Atrocidades Maravilhosas; BijaRi; InterluxArteLivre; noninoninono; PhP; Ystlingue; Orquestra Organismo; FVCB – Fundação Vera Chaves Barcellos; Obra Aberta; O Palhaço Leigo; Super Loja Show; ACT; Clóvis Dariano; Cristo Vermelho – Ducha / Frã / Laura Lima; EIA - Experiência Imersiva Ambiental; e/ou; Fundação do Museu do Poste; Laura Miranda e Denise Bandeira; Luís Andrade; Goto; GIA – Grupo de Interferência Ambiental; Grupo Entorno; Grupo Laranjas; Grupo P.O.I.S.; Grupo Poro; Grupo Rradial; Grupo Urucum; Jarbas Lopes; Márcio Almeida; Rés do Chão; Ronald Duarte; Rosana Ricalde e Felipe Barbosa; Rubens Mano; spmb (Eduardo Aquino & Karen Shanski); TCAS – Giordani Maia; Teatro Monótono; Carlos Henrique Túllio, Vera Chaves Barcellos; Acervo Casa Hoffmann; Ações Coletivas / Rubens Pileggi; Dia do Nada; Cabelo & Jarbas Lopes / Dado Amaral e Beto Valente; Cristiane Bouger; Couve-flor – Mini-comunidade Artística Mundial; Cuquinha; GIRA; Grupo EmpreZa; Luciana Costa; Marssares; O Mergulho; Polavra; Bicicletada; Telephone Colorido; Wagner Malta Tavares; Zaratruta; Política do Dissenso.

6. O desenvolvimento de temas envolvendo práticas não hegemônicas da arte, a arte postal, as publicações de artista, os coletivos e as dinâmicas associativas e suas potências, as que estabelecem relações entre arte e sociedade vem sendo esmiuçados em estudos universitários. Podemos destacar os realizados no Programa de Pós-graduação da UFRGS, para se referir a exemplos próximos, cujo domínio é público.

7. FREIRE, Cristina. Poéticas do Processo: arte conceitual no museu. São Paulo: Iluminuras, 1999. Este livro destaca a existência no Brasil do acervo institucional do MAC-USP, que reúne um vasto conjunto de produções conceituais, livros, arte postal e publicações de artista, bem como outras documentações.

8. Fundação Vera Chaves Barcellos, Viamão, RS.

<http://www.fvcb.com/fvcb/site>

Escrito por Alexandre

Seg, 07 de Março de 2011 17:16 - Última atualização Ter, 15 de Março de 2011 00:22

<http://www.fvcb.com/fvcb/site/centro-de-pesquisa-e-documentacao>

O Centro de Documentação e Pesquisa possui em seu acervo o material do Nervo Óptico, grupo de artistas voltados à discussão e produção de arte contemporânea, que atuou em Porto Alegre entre 1976 e 1978; do Centro de Cultura Alternativa Espaço N.O. (1979-1982); arquivo da galeria Obra Aberta (1999-2002); arquivo documental e iconográfico da obra de Vera Chaves Barcellos; além de uma coleção inestimável de documentos sobre os mais diversos artistas e instituições

:

9. AGAMBEM, Giorgio. *Glose marginales aux Comentaires sur la société du spectacle*. In : *Moyens sans fin – Notes sur la politique*, Paris, Editions Payot & Rivages 2002, p. 90